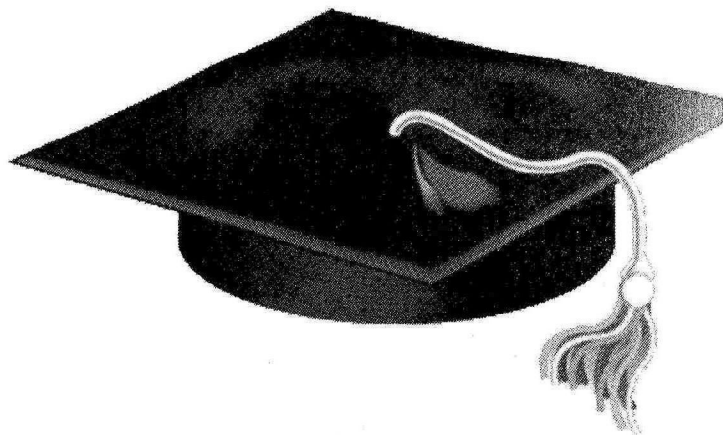


Cidade inteligente



Brasília tem o mais alto índice de habitantes com curso superior do país, mas falta mercado de trabalho

Freddy Charlson
Da equipe do **Correio**

Fotos: Jorge Cardoso

Invasões, seca, poder, arquitetura moderna, rock, sincretismo religioso, tédio aos domingos. Aspectos que caracterizam Brasília — assim como o desemprego, afinal são quase 200 mil desempregados por aqui —, e que, a eles, soma-se mais um: o Distrito Federal tem o maior índice de habitantes com nível superior do país, 16%. Uma em cada seis pessoas em Brasília, entre 25 e 64 anos, fez faculdade. Um índice próximo ao do Canadá (17%) e similar ao da Noruega (16%), países de Primeiro Mundo. Estados como Rio de Janeiro e São Paulo apresentam índice menor. Respectivamente 11% e 10%.

Os dados são de um levantamento do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) do Ministério da Educação e foram coletados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), feita em 1997. Ano, aliás, em que o DF tinha apenas 14 instituições de ensino superior. Hoje, elas já são 34. O que significa mais gente próxima de conquistar o tão sonhado diploma. E de tentar uma vaga no mercado. (A cada ano, 6.500 estudantes terminam o curso superior na região).

O que torna a situação paradoxal. Tanta gente — capacitada ou não — com o canudo na mão e, ao mesmo tempo, batendo de porta em porta, atrás de emprego. Pelo menos para algumas carreiras — Direito, Medicina, Odontologia, Engenharia de Redes, Secretariado, Telecomunicações e cargos de Vendas e Gerência —, há vagas à espera de talentos. Para outras, porém, como Agronomia, Geologia ou Engenharia Elétrica, a tarefa de encontrar emprego no DF depois de sair da universidade pode ser extremamente penosa.

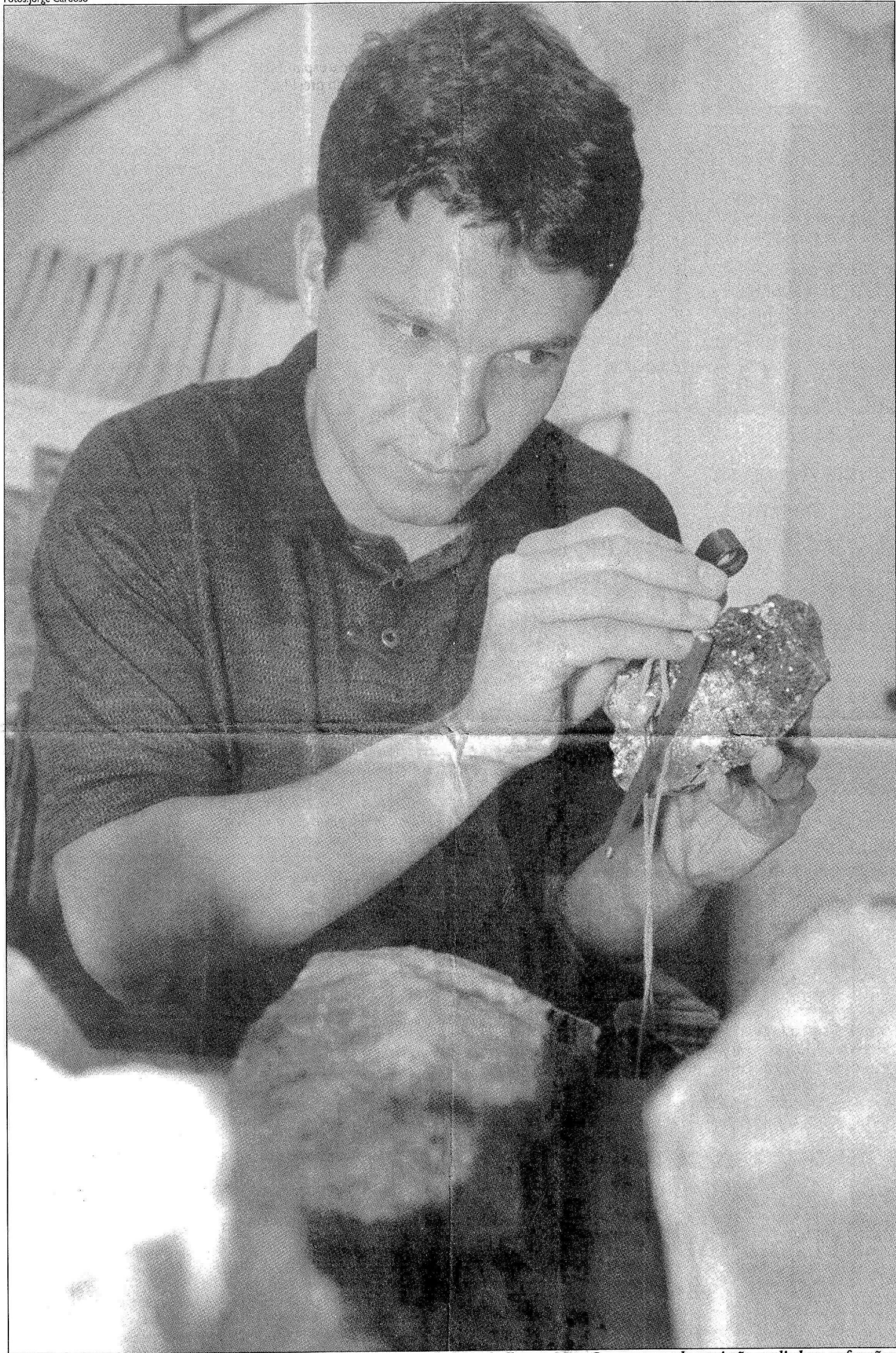
Tal situação provoca reações distintas nos formandos. Enquanto alguns agarram a primeira oportunidade e mudam de carreira — pela necessidade básica de ganhar dinheiro —, outros insistem em conquistar uma vaga no mercado de trabalho. Se não em Brasília, em outra parte do país, do mundo. Como fez o aluno de mestrado da Universidade de Brasília (UnB) Cristiano Soares de Souza, 26 anos.

O DILEMA DE QUEM SE FORMA

Ao sair da faculdade, novos profissionais se debatem entre insistir ou mudar de carreira

Cristiano formou-se em um dos melhores cursos de Geologia do país, em 1996. Considerando o mercado fechado — no DF, a Geologia abre espaço apenas para trabalhos em sensoramento remoto, fiscalização ambiental e água —, Cristiano procurou emprego em outro lugar. Foi parar em uma mineração em Mato Grosso. Ficou quatro meses, teve hepatite, tratou-se aqui, curou-se, voltou, reconquistou o emprego, ficou um ano. “Foi uma ótima experiência. Aprendi muito. O mercado aqui para minha área é restrito”, conta ele, que viveu, na pele, a dificuldade de procurar emprego — e não achar — em Brasília. “Culpa de má avaliação do mercado. Muitos problemas seriam resolvidos se construtoras contratassem geólogos além de engenheiros.”

As palavras do aluno de mestrado que espera, ansiosamente, uma proposta de uma mineradora baiana — a mineração é a fonte histórica de emprego na área



Cristiano Soares de Souza, formado em Geologia e aluno de mestrado, foi trabalhar no Mato Grosso: mercado aqui não avalia bem as funções

—, encontram eco no pensamento da coordenadora do curso, Márcia Abrahão Moura. Segundo ela, o mercado para o geólogo em Brasília é problemático. “Mesmo que o curso seja um dos melhores do país”, diz. Uma opção seria o laboratório sismológico da UnB, mas os equipamentos fazem muito da atividade do geólogo e podem ser operados por estudantes estagiários.

Enquanto estudantes saem da universidade com uma mão na frente e outra atrás, algumas empresas exercem o papel de *head-hunters* (caça-talentos). Cabe às empresas, como a Insight (Instituto de Integração Homem-Trabalho) caçar profissionais e recém-formados. “Caçamos para empresas financeiras, de seguro e informática, corretoras, vendas. Nesse caso, a procura é grande e a qualificação, pequena. É difícil encontrar um bom vendedor”, conta a psicóloga Acsa Vasconcellos, 35, diretora do Insight.

E, para piorar, as empresas não querem desempregados. Para elas, quem não está no mercado não tem qualidade. “Tenho clien-



André Gustavo fez Agronomia, mas trabalha em função burocrática

tes que preferem roubar gente de outras empresas que contratar recém-formados”, diz Acsa. O que serve de alerta para os milhares de jovens que fazem vestibular anualmente no DF. Só em 1998 — segundo dados do Inep — 14.548 estudantes entraram nas universidades locais para ocupar 14.737 vagas em mais de 120 cursos.

Muitos, certamente, serão advogados. Afinal, o curso de Direito é um dos mais concorridos. No

último concurso da UnB, a relação candidato/vaga foi de 43,10. Só perdeu para Medicina, com 59,63. No Uniceub, Direito (diurno) foi o mais procurado, com 8,92 vestibulandos por vaga, seguido de Direito (noturno), 7,85. A UnB ofereceu 1.938 vagas em 60 cursos de graduação para 23.703 candidatos. Já a Uniceub abriu 2 mil vagas em 16 cursos para 7.800 candidatos.

Isso tudo mesmo que o mercado tradicional e mais procurado

da advocacia, o jurídico, esteja estagnado. “O Poder Judiciário está parado, não funciona, é moroso. É um fator de redução do mercado. Além disso, os advogados são cada vez mais mal remunerados”, acredita Reginaldo de Castro, presidente nacional da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil).

Em sua avaliação, o mercado para o futuro advogado é bom em Brasília. Há o serviço público, a magistratura, o Ministério Público. Ou carreiras políticas de modo geral. “Isso decorre de um paradoxo. Há vagas nas carreiras jurídicas porque nos concursos públicos poucos conseguem aprovação. A formação do bacharel é deficiente em todo o país. Se bem que em Brasília a situação não é tão ruim”, conta Reginaldo de Castro.

O bacharel em Direito é obrigado a fazer o exame de ordem para advogar. Um exame elementar, primário, segundo o presidente da OAB. “Quem não consegue ser aprovado não pode exercer a advocacia”, diz Reginaldo. E a quantidade de bacharéis — en-

tre 40 a 45 mil bacharéis em Direito saem das faculdades de todo o país anualmente — que reprova pela primeira vez no exame é grande. Pelo menos 70% em São Paulo. E 50% em Brasília.

O advogado Wellington Vieira da Silva, 22, faz parte dos 50% aprovados no primeiro exame no DF. Ele se formou em abril, mas no final de 1998 já havia passado para a pós-graduação. E começou antes de terminar a graduação. Queria ser promotor de Justiça. “Não pretendia advogar, mas abri um escritório em maio com um colega. Começamos a brincar de advogado e nos demos bem, graças a Deus”, diz Wellington, que diz ter poucos, mas bons clientes.

Com ele, também passaram na prova da ordem, toda sua turma, aliás, a primeira de Direito noturno da UnB. Dos 50 que ingressaram, 13 chegaram ao fim do curso e passaram no exame. “Meu ideal de vida ainda é ser promotor de justiça, mas pretendo advogar por mais dez anos”, diz o advogado especialista em Direito Previdenciário e Tributário, mas cuja maior paixão é Direito do Consumidor.

Sorte dos recém-formados em Agronomia que para exercer a profissão não há um exame similar ao dos advogados — que quando não são aprovados, esperam seis meses para outro exame —, nem parecido. O que há é a dificuldade de conseguir emprego na área. Pelo menos para o agrônomo André Gustavo Souza Rocha, 27, que concluiu o curso em 1996. E nunca trabalhou na área. “O DF não tem vocação para a agricultura, como São Paulo, Mato Grosso ou Goiás”, acredita André.

BRASÍLIA INFORMATIZADA

É preciso manter-se sempre atualizado numa cidade onde 20% das pessoas têm computador

No seu caso, o que o atrapalhou a seguir carreira foi algo que surgiu para o bem. No último semestre do curso assumiu um cargo na Caesb (Companhia de Água e Esgoto de Brasília). Resultado? Acomodou-se em um trabalho de atendimento ao público. Com salário razoável, mas essencial às despesas da família, André foi ficando, ficando, ficando. Ficou. “Mas tenho vontade de atuar na minha área. E quero fazer uma especialização. Tenho que me atualizar para o mercado e em relação aos conhecimentos. A gente sai da universidade com uma visão geral das coisas, nada específico. Que é justamente o que o mercado exige”, acredita.

Se para o agrônomo André Gustavo faltou motivação e para o geólogo Cristiano Souza, chance, o pensamento é diferente para o presidente da OAB, Reginaldo de Castro, e a caça-talentos Acsa Vasconcellos. Para eles, faltaria qualificação para o graduação muitas vezes saído de faculdades recém-criadas e sem histórico para ensinar e formar pessoas que fazem de Brasília uma “cidade culta”, em que 20% das casas têm computador — e desses, 30% acessam a Internet, fonte moderna de conhecimento.

Uma cidade com 49 salas de cinema (outras 39 serão inauguradas no ano 2000) e uma renda per capita de R\$ 13,7 mil — enquanto o país tem renda per capita de R\$ 5,5 mil. E uma cidade com 30 salas de teatro — nas oito da Secretaria de Cultura, por exemplo, a capacidade da plateia é de 7.170 lugares. Ou seja, cidade que além de invasões, seca, poder, tédio aos domingos, arquitetura moderna, tem potencial para consumo. Principalmente o cultural.